

MARGARIDA MORGADO

**ENQUANTO
(antologia)**

Prefácio de António Cândido Franco

Pintura de Leonor Serpa Branco

Álbum fotográfico de Álvaro Corte-Real

Seleção, Organização e Nota Final de Manuel Silva-Terra

© Margarida Morgado

ISBN: 978-989-8789-26-6

Depósito Legal: 424460/17

Paginação: Egora, lda

Impressão e acabamento: VASP - DPS

editorallicorne.blogspot.com

Editora Licorne

“EU CANTAREI DA VIDA A FRIA FONTE”
Sobre a lira anacreônica de Margarida Morgado

Não sei se escrever um prefácio pode pagar uma dívida de muitos anos. Mas mesmo podendo, sei que estas banais e poucas palavras introdutórias, que nem mesmo podem para si o direito a serem classificadas como estudo de poesia, ficam muito aquém do que devo à autora deste livro. Ela que receba as minhas palavras à conta de grata admiração pela aventura da sua vida e da sua palavra e me perdoe se puder a forma bisonha com que falo do que é perfeito.

A obra publicada de Margarida Morgado é rara. O seu universo poético conhecido concentra-se apenas em dois ou três livros, todos eles dados a lume, em idade muito avançada, por iniciativa de amigos. Essa parcela que veio a lume é uma pequena parte da sua criação poética, ainda hoje inédita e que se estende através de quase todo o longo curso da sua vida.

Do que até hoje se publicou deve salientar-se, Água Pródiga (2007), uma antologia publicada aos 75 anos e constituída por mais de duas centenas de poemas, distribuídos por quatro partes e seleccionados num período compreendido entre 1988 e 2005, com um texto de abertura da autora especialmente escrito para a edição, datado de Novembro de 2006.

A publicação não resultou como se disse já da vontade directa da autora mas neste caso do empenho de duas amigas, Lurdes Nobre e Midus Chambel, que fizeram a selecção dos textos e procuraram um conjunto de pessoas para se associarem à edição. Francisco Soares deu o prolóquio; João Moniz ilustrou;

Rui Arimateia, Alexandre Barahona, a associ'arte e a Câmara Municipal de Évora contribuíram tecnicamente e materialmente para a edição. Esse livro de 2007 é a fonte deste que o leitor tem entre mãos, como o poeta-editor Manuel Silva-Terra indica em nota que se pode ler no final deste volume.

O desinteresse de Margarida Morgado em publicar em livro os seus poemas, ao mesmo tempo que os vai sempre dizendo e escrevendo, numa preocupação exclusiva de os viver e de os partilhar numa roda pequena de amigos e amigas, mostra quanto para ela a poesia é, no sentido que Rilke lhe dava, um acto vital. Ela não saberia viver sem dizer e escrever versos. Oficiou dia-a-dia na acção verbal para se manter viva, não para colher a gloriola literária e social duma república de literatos, que ela talvez julgue ridícula embora não gaste tempo em dizê-lo. A autora deste livro tem praticado uma arte do despojamento e da ascese, uma arte do silêncio, insistindo nos versos de forma secreta e íntima, ou em pequenos círculos de iniciação, sem preocupações de reconhecimento pelos pares e sem espalhafatos de promoção pública.

Este modo de viver a poesia é talvez o primeiro grande mérito da actividade de Margarida Morgado, mérito mais do domínio ético que poético, mas gratificante em absoluto para todos os que desejam a recondução da arte e da criação a um plano mais elevado e autêntico do que o raso chão das vaidades pessoais ou de grupo.

Não é no livro mas na voz que se vê uma poesia. Os livros são hoje objectos manufacturados, industriais. Têm atrás de si uma indústria e uma tecnologia. Valem como produtos, raro como criações. Estamos longe dos códices e da arte da iluminura, em que o livro era uma obra e não um objecto, reduzido a valor de venda. A voz é outra coisa. É íntima e única. É propriedade do eu que a cria e não pode ser reproduzida nem pelo

próprio. Tem o valor duma indelével impressão digital, que nunca se apaga nem reconfigura. É por esse motivo intemporal; tem uma resistência a qualquer tempo, mesmo ao nosso, marcado por todo o tipo de descréditos e corrupções.

Quando dizemos voz, falamos duma constelação de palavras que se vai tecendo ao longo dos dias, dos meses e dos anos, até atingir um grau de apuramento que deslumbra a noite escura. É o que de mais íntimo e verdadeiro existe num poeta, a sua luz irradiante. Não há poeta sem voz pessoal e inconfundível.

A voz de Margarida Morgado é hierática e lírica. Por hierática entendo o nobre acento que ela põe na fala dos seus dizeres, que parece projectar o momento vivo numa dimensão oracular. Ela fala de olhos fechados, estática e em êxtase, porque raramente descreve o exterior. É dentro de si que ela procura a paisagem. A sua voz é toda voltada para o interior, que tem o valor duma mina, no fundo da qual brilham diamantes que se confundem a estrelas. Mesmo quando existe deliberadamente um exterior – a paisagem da planície alentejana, as árvores, as flores, as pedras, o mar, as ruas de Évora, a Grécia arcaica – ele só vale pela mediação das emoções que o transfiguram. O exterior incendeia-se ao contacto do coração poderoso desta voz cega e apaixonada – toda ela vibrante de calorosa emoção interior.

Por lírica entendo o canto. Esta voz canta na solidão do ermo e da página. Canta na solidão branca da luz, sem se furtar aos outros e ao mundo. Não há aqui nenhum trabalho mas apenas a nudez, a nudez absoluta de quem colabora com o universo. É uma lira que se embriaga debaixo das estrelas e se incendeia. Tira acordes que pegam fogo. Esta voz tem pouco mais do que duas palavras, dois versos, duas cordas. É a voz do despojamento, de quem prefere o canto ao livro. Mas bastam duas palavras ditas na noite e em segredo para incendiar a

lira e o mundo. O canto pega fogo à noite e encanta-nos com o espectáculo maravilhoso dos seus sons. A voz de Margarida Morgado canta esculpida em pedra negra e luz branca.

Um poeta está sempre só no mundo com o seu instrumento e com a sua pobreza. Mas nunca uma pobreza tão essencial como esta, a da voz que canta sozinha na noite do mundo, é miserável. É a pobreza da nudez com que nascemos e morremos. Só a pele, como uma cal viva; tudo o resto é supérfluo. O tocador de harpa é sempre um solitário narciso que por um momento, à beira das águas do canto, se esquece do mundo para se consumir, de olhos fechados, no interior da mina, em som. Ele tem na base um pretexto para cantar e se entregar à voz e viver o canto como uma cicatriz. É um narciso que se sacrifica em som, na máxima expressão da beleza e do sublime.

Lírica sáfica e anacreôntica, lírica secreta, íntima, alcoforadista, esta voz é também o canto do amor. Precisa do sentimento para cantar. Sem um pretexto forte do mundo, mesmo uma humílima pedra, ela não arranca das suas cordas interiores, onde vibra a escuridão da terra, os sons etéreos da beleza. Só com a sensação esta lírica é capaz de metamorfosear a escuridão da terra na amplidão do firmamento. Na base do canto está um coração, um feixe de redes por onde se precipita o sangue vivo e ardente. No centro desse nó, como água pródiga em efervescência, está a palavra.

A palavra desta voz que canta é poderosa, vibrante e firme. Ela afirma-se como um eixo extático e vivo. É uma palavra essencial e una. Para ser palavra, a voz de Margarida Morgado precisa de se despojar de todos os adornos. Nenhuma gaze de névoa pode encobrir e apagar a nudez nítida das formas e da pele. Só a palavra essencial e pobre é nua. E só a palavra nua é prodigiosa. É pela palavra nua, vertical e limpa que Margarida Morgado canta. É essa a palavra que se eleva do silêncio que

existia antes e depois do seu canto. É ela que se ergue do chão do mundo para se tornar som sublime de estrelas. A palavra de Margarida Morgado, esculpida na pedra negra da noite, interrompe a escuridão do silêncio para criar a palavra primordial, a palavra solar e luminosa que está na fonte viva da língua.

A palavra faz a voz e a voz, quando canta, dá lugar à poesia. Uma poesia assim é uma poesia que está longe dos artefactos e das imitações. Não pretende construir um objecto literário a partir de escolas, de movimentos, de teorias estéticas, de vaidades. Não tem qualquer pretensão a fazer parte da história da literatura nem deseja servir de passaporte social para atravessar fronteiras de estatuto e ganhar prestígio. Creio não errar se disser que estamos aqui no coração da aventura poética de Margarida Morgado, no sentido pleno da sua poesia e da sua expressão mais autêntica e pessoal que é também a do seu interesse vital como mulher, a que se manteve sempre fiel.

Esta poesia está à margem da esfera da vontade e quer ser outra coisa. Aspira apenas a ser a expressão autêntica e solitária dum nome. É só um grito na solidão do ser e no descampado do mundo. Vibra com a mesma força e pelas mesmas razões com que um pássaro canta ao crepúsculo. É um privilégio num mundo de artefactos esvaziados de presença real e absoluta reencontrar uma voz tão essencial e unívoca, toda pureza e nudez.

Saudemos a grande sacerdotisa da palavra, a maga sortilega do canto, que nos abre as portas do mundo pré-original, onde os poderes arcaicos e esquecidos da vida, os do paraíso glorioso e imortal, estão vivos e presentes diante de nós!

António Cândido Franco
13 Novembro de 2016